

NOTAS BIOGRÁFICAS E ABSTRACTS

16 DE SETEMBRO DE 2021

POLÍTICA EXTERNA PORTUGUESA

MODERAÇÃO: Nuno Severiano Teixeira, *IPRI/FCSH-NOVA*

Nota Biográfica

Professor Catedrático na Universidade Nova de Lisboa e Director do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa.

Doutorado em História das Relações Internacionais pelo Instituto Universitário Europeu, Florença e Agregado em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Nova de Lisboa.

Foi Vice-Reitor da Universidade Nova de Lisboa.

Foi Visiting Professor na Universidade Georgetown (2017/2019 e 2000) e Visiting Scholar na Universidade de Califórnia, Berkeley (2004) e Senior Visiting Scholar no Instituto Universitário Europeu, Florença (2010).

Tem obra publicada sobre história militar, história das relações internacionais, história da construção europeia e questões de política externa, segurança e defesa.

Serviu como Ministro da Administração Interna (2000/2002) e Ministro da Defesa (2006/2009) do governo português.

Foi Director do Instituto de Defesa Nacional (1996/2000).

RESILIÊNCIA, MATURIDADE E APROFUNDAMENTO: AS RELAÇÕES ENTRE PORTUGAL E ESPANHA ENTRE AS CRISES DO SÉCULO XXI

Patrícia Lisa, *Real Instituto Elcano*

Nota biográfica

Pós-graduada em Direito Europeu pelo King's College London. Investigadora do Real Instituto Elcano desde 2018 para as relações bilaterais com Portugal e temas europeus (institucionais, Espaço de Liberdade, Segurança e Justiça, política migratória, cidadania europeia). Coordenou, com o IPRI, os estudos para um [especial sobre as relações entre Espanha e Portugal](#), publicado na web do Elcano (2019). Publicou vários artigos neste âmbito no Elcano: [“La evolución de los sistemas políticos de España y Portugal: convergencias en la diferencia](#), com Ignacio Molina, ARI n. 49/2018, de 16 de abril; [“Las geringonças \(“artilugios”\) y los “Frankenstein”: convergencias y retos de gobernabilidad en Portugal y España ante los desafíos de la UE”](#), Comentario 38/2018, el 3 de julio 2018 e “Espanha y Portugal: convergencias, diferencias y sinergias”; “Portugal: resiliencia y madurez”, respectivamente, n.s 195 e 191 da revista espanhola *Política Exterior*. Coordenou a Secretaria Executiva da Rede Ibero-Americana de Estudos Internacionais (RIBEI), sediada no Instituto Elcano (2013-2018).

Foi assessora de vários membros do governo de Portugal e conduziu negociações internacionais em representação de Portugal na UE e nas Nações Unidas (2002-2013). Foi chefe da delegação em vários grupos de trabalho do Conselho da UE, membro das equipas para as presidências do Conselho da UE de Portugal em 2007 e de Espanha em 2010. Alumno do programa Bellevue patrocinado pela Fundação Bosch; membro do *Global Diplomacy Lab* patrocínio pelo Ministério Federal alemão dos Negócios Estrangeiros.

Abstract

Refletir sobre as relações entre Portugal e Espanha e sobre a política externa portuguesa com esse país no período de 2015-2021 conduz-nos ao ciclo político que se inaugurou em ambos em 2015 (eleições parlamentares em outubro em Portugal e em dezembro em Espanha) e que se entrecruzou com dois ciclos de crise e de recuperação. Primeiro, a recuperação da crise da eurozona e a necessidade comum de recuperar a confiança e o prestígio internacionais. Segundo, os desafios igualmente comuns, da gestão e configuração da recuperação da crise pandémica do COVID-19 do último ano e meio.

É esta trajetória das relações bilaterais luso-espanholas entre as crises do século XXI que abordaremos na nossa intervenção. Primeiro, enquadrámos a relação nos eixos normalmente utilizados para a caracterizar: unidade e assimetria, dualidade e diferenciação e aumento exponencial das interdependências. Esta breve explanação, com a ajuda de

alguns dados, servirá para ilustrar os contornos da relevância que Espanha assume na política externa portuguesa na atualidade como um sócio de primeira linha.

Segundo, neste percurso enunciaremos, brevemente, as várias fases da relação hispano-lusa no período democrático para centrar-nos na sua evolução no presente ciclo.

A primeira fase, selou-se com o acordo sobre as bases da cooperação política, estabelecidas no Tratado de Amizade de 1978 e no seu Protocolo adicional de 1983, que rege as relações bilaterais até hoje. A segunda, nos anos 90, destaca pela afirmação dos dois países na construção de espaços próprios e autónomos no quadro europeu e global. Na Europa, a adesão às vanguardas da integração europeia (Schengen, euro, Espaço de Liberdade, Segurança e Justiça). A nível global, a pertença ao espaço iberoamericano e o projeto da CPLP.

A terceira fase, vem madurando desde os alvares do século XXI. Os governos portugueses de António Guterres a Sócrates passando por Durão Barroso incluíram, por primeira vez, Espanha como uma “aliança preferencial” da política externa portuguesa. A crise da eurozona interrompeu momentaneamente estas dinâmicas, mas a divergência momentânea das estratégias para evitar o efeito contágio foi superada, provando a resiliência e a maturidade da relação. O novo ciclo iniciado em 2015 e a recuperação da crise do COVID-19 imprime novas tonalidades a esta trajetória.

Os efeitos da pandemia aceleram tendências geoeconómicas, geopolíticas e geosociais que já estavam em marcha. Ambos os países devem reenquadrar alianças e estratégias para fazer frente aos desafios globais e aproveitar a grande oportunidade que apresenta o Fundo de Recuperação e Resiliência europeu para redesenhar o “modelo de país”. Aos dois países se lhes exigirá, pelo menos, a mesma energia empreendedora da época da adesão ao clube europeu.

Num contexto internacional e europeu que oscila entre a solidariedade e a fratura há a responsabilidade acrescida e o dever de Portugal e de Espanha de confirmarem o perfil europeu de sócio fiável que têm vindo a construir nos últimos 35 anos. Devem igualmente provar que aprenderam as lições passadas. Entre elas, ao nível bilateral, haverá que tirar o máximo partido de uma cooperação que assenta na proximidade, lealdade e confiança e que resistiu a conjunturas críticas de grande envergadura nos últimos anos.

O fato dos marcos reguladores da cooperação de 1978 e 1983 estarem em processo de revisão são um indicador de que os dois países tomaram nota destas mudanças e das novas necessidades. Estão atentos ao enorme aprofundamento da relação bilateral em quase meio século de democracia e da sua crescente importância pelo aumento exponencial das interdependências e da comunhão de posições.

Numa relação que sempre se foi complexa e pouco linear, concluiremos a nossa exposição com a defesa de que a estabilidade relacional de hoje se deve mais aos exemplos de resiliência, maturidade e aprofundamento que às passadas competições e afastamentos. Como tal, devem ser tidos em conta nas respectivas políticas exteriores e no novo marco relacional em revisão.

UM RETRATO DA RELAÇÃO LUSO-CHINESA AO LONGO DOS SÉCULOS: A EVOLUÇÃO DO RELACIONAMENTO POLÍTICO E APROFUNDAMENTO DA DIPLOMACIA ECONÓMICA NA SEQUÊNCIA DA CRISE FINANCEIRA DE 2010

Teresa Cunha e Sá, *FCSH-NOVA*

Nota biográfica

É atualmente estudante do Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais da Nova FCSH. Licenciada em Economia e Mestre em Finanças com Double Degree em Gestão Internacional pela Nova SBE, trabalhou ainda na EDP, onde passou pelos departamentos de Relação com Investidores e Desenvolvimento do Comércio Internacional.

Abstract

A relação luso-chinesa data do século XVI, com o crescimento das trocas comerciais que se foram estabelecendo entre o reino de Portugal e o império chinês. Esta relação passou por períodos de maior e menor intensidade, mas as duas nações estiveram sempre ligadas pela presença portuguesa em Macau até 1999, data em que o território foi devolvido definitivamente à RPC. O processo que deu azo a esta transição foi conduzido sem sobressaltos e as relações sino-portuguesas mantiveram o seu carácter positivo. Depois da saída portuguesa do território cantonês, as interações entre os dois países entraram num período de maior estagnação.

No advento da crise do Zona Euro, a situação gerada pelo colapso económico que levou à intervenção da Troika e os tempos que se seguiram, constituiriam o cenário ideal para que esta realidade se alterasse. Devido à necessidade absoluta de garantir fundos que ajudassem ao pagamento da dívida, Portugal viu-se forçado a estreitar os seus laços económicos com países fora da esfera transatlântica e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. A China, com vastas reservas de capital, apresentou-se como um candidato credível para apoiar o caminho da recuperação económica Portuguesa.

Posteriormente, com a ascensão ao poder do Presidente Xi Jinping, a China mudou a sua postura no panorama internacional e, conseqüentemente, a sua atitude para com Portugal. Uma relação puramente económica passou também a ter contornos estratégicos, devido à inclusão de Portugal na iniciativa *Belt and Road*, projeto que molda a projeção do poder chinês na esfera internacional.

Portugal como país periférico da Europa, de economia débil, com uma forte vertente atlântica, e dispondo de uma posição privilegiada na relação com os PALOP representa um claro vetor desta política de penetração e expansão chinesa.

SEMINÁRIOS D ÓBIDOS '21

A saudável diplomacia política e estreitamento da relação económica entre Portugal e a China, baseada na parceria estratégica que envolve trocas comerciais, investimento e colaboração na iniciativa *Belt and Road*, não estão isentas de desafios futuros, sendo que o principal prende-se com a crescente rivalidade entre o parceiro económico asiático e o aliado tradicional de defesa e segurança americano. De um lado está a China, cada vez mais expressiva na projeção do seu poder internacional. Do outro, os Estados Unidos, um velho aliado cada vez mais assertivo na contenção da expansão do poder chinês. O futuro próximo será essencial para definir os contornos das relações com estas duas nações.

A CPLP NA POLÍTICA EXTERNA PORTUGUESA: EVOLUÇÃO E DESAFIOS

Carmen Fonseca, *IPRI/FCSH-NOVA*

Nota biográfica

Investigadora e membro do Conselho Executivo do IPRI-NOVA. É Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Políticos da FCSH/NOVA. Desde 2008 desempenha o cargo de chefe de redacção da revista *Relações Internacionais*. Em 2012 foi *Visiting Fellow* no Centro de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas (Rio de Janeiro). Doutorada (2014) em Relações Internacionais pela FCSH/NOVA

Abstract

A criação da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), em 1996, é o marco das relações contemporâneas de Portugal com os Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP), na sequência da democratização portuguesa e da descolonização dos territórios em África, ao mesmo tempo que cria um base de relacionamento adicional com o Brasil.

Na política externa portuguesa, a criação da CPLP confunde-se com a definição de uma política pós-colonial para África que ainda hoje permanece intermitente. Não raras vezes a alusão à CPLP é feita para referir a política africana de Portugal ou a política lusófona, cujos principais intervenientes, com exceção do Brasil e de Timor-Leste, se localizam predominantemente em África.

Com base na análise das intenções de Portugal expressas nos programas de governo e em discursos oficiais dos atores da política externa, é possível salientar que, mais do que um eixo ou uma prioridade da política externa portuguesa, a CPLP tem evoluído como um instrumento de Portugal – para chegar a África; para projetar, defender e promover a língua portuguesa; para reforçar o papel de Portugal, especialmente na União Europeia, enquanto interlocutor preferencial com África (ou, para se ser mais preciso, com aquele grupo de países africanos em particular), e, nos anos mais recentes, para consubstanciar interesses económicos.

AS RELAÇÕES ENTRE PORTUGAL E OS ESTADOS UNIDOS

Tiago Moreira de Sá, *IPRI/FCSH-NOVA*

Nota Biográfica

Doutorado em História das Relações Internacionais pelo ISCTE-IUL. Professor Associado na Universidade Nova de Lisboa. Investigador Integrado no Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI-NOVA). Foi comentador residente no programa Olhar o Mundo, da RTP 3, e colunista no jornal Público.

Autor de vários livros: *Donald Trump: O Método no Caos*, Lisboa, Dom Quixote, 2018 (em co-autoria com Diana Soller), *Relações Portugal-EUA (1776-2015)*, Lisboa, Dom Quixote, 2016; *Política Externa Portuguesa*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 20015; *Carlucci versus. Kissinger. The USA and the Portuguese Revolution*, Washington D.C., Lexington Books, 2011; *Os Estados Unidos e a Descolonização de Angola*, Lisboa, Dom Quixote, 2011; *À Procura de um Plano Bilateral. A Fundação Luso-Americana e o Desenvolvimento de Portugal*, Lisboa, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, 2010; *Os Estados Unidos da América e a Democracia Portuguesa*, Lisboa, Instituto Diplomático, 2009; *Carlucci vs. Kissinger. Os EUA e a Revolução Portuguesa*, Lisboa, Dom Quixote, 2008 (em co-autoria com Bernardino Gomes); *Os Americanos na Revolução Portuguesa*, Lisboa, Editorial Notícias, 2004.

Resumo

As relações entre Portugal e os Estados Unidos no século XXI acompanharam o quadro mais geral do relacionamento transatlântico. Este ficou marcado por ciclos de unidade e ciclos de crise, sendo possível identificar 4 grandes momentos.

- 1)O primeiro, que vai **do fim da Guerra Fria até à Guerra do Iraque**, caracterizou-se por uma **grande unidade**.
- 2)O segundo, que vai **da Guerra do Iraque à Estratégia de Segurança Nacional de 2006**, correspondeu a uma **grave crise** transatlântica.
- 3)O terceiro, que vai **de 2006 até à eleição de Donald Trump**, assinalou um **regresso à unidade**.
- 4)O quarto, dominado pela **Administração Trump**, conjugou **crise e indiferença**.

A tomada de posse Joe Biden em Janeiro de 2021 como 46º Presidente dos EUA pode representar uma grande oportunidade para a Aliança Atlântica, ainda que esse estudo tenha de ser deixado para depois, dado só terem passado sete meses de mandato.